

# **FREUD EXPLICA: A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA EM FREUD**

FREUD EXPLAINS: THE FREUDIAN CONCEPTION OF SCIENCE

João Paulo F. Barretta

Universidade Paulista

jpbaretta@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo visa, em primeiro lugar, explicitar a noção freudiana de explicação e mostrar que ela não descreve propriamente o que Freud de fato faz. Em segundo lugar, busca identificar a razão de ser do emprego de uma metapsicologia, quais as suas características mais importantes e qual o seu estatuto epistemológico. Finalmente, procura expor a noção freudiana de ciência.

**PALAVRAS-CHAVES:** Explicação; Causa; Função; Correlação; Metapsicologia; Ciência.

**ABSTRACT:** This article aims, in the first place, to show the freudian notion of explanation and that it does not fit in to what he actually does. In the second place, it searches to identify the reason for the use of a metapsychology, its main traits and its epistemological status. Finally, it tries to make clear Freud's conception of science.

**KEY-WORDS:** Explanation; Cause; Function; Correlation; Metapsychology; Science.

Aceito o fato, controverso, de que a psicanálise é um conhecimento científico, o que será pressuposto aqui<sup>1</sup>, a pergunta inevitável é de que tipo. Quando se faz essa pergunta, pensa-se em geral no problema de se a psicanálise é uma ciência natural ou humana, isto é, pensa-se na chamada *disputa de métodos das ciências humana*<sup>2</sup>. O que se busca ao se investigar a psicanálise à luz dessa problemática é explicitar se a teoria freudiana deve ser concebida como uma ciência que explica fatos naturais por meio de relações externas (causais, genéticas, funcionais, etc.) necessárias, isto é, leis abstratas obtidas indutivamente com base na observação e experimentação de fatos (cujas variáveis são controláveis ou semelhantes a variáveis controláveis) ou que interpreta fatos humanos vinculados por relações internas, de sentido e, portanto, compreensíveis ou passíveis de serem interpretados.

A tentativa de pensar a psicanálise à luz dessa problemática iniciada alhures é, por um lado, natural, uma vez que ela é, ou pretende ser, uma ciência (aplicada) de fenômenos humanos, mas, por outro lado, esbarra em uma peculiaridade da teoria psicanalítica desde Freud, sua ambigüidade metodológica, já apontada por inúmeros comentadores e especialistas em psicanálise<sup>3</sup>: o fato de que a teoria psicanalítica ao mesmo tempo explica certos fenômenos psicológicos, como as demais ciências naturais, e os interpreta, como as chamadas ciências humanas (interpretativas). Para solucionarmos a polêmica em torno do caráter científico-natural, hermenêutico ou ambíguo da teoria psicanalítica é necessário, em primeiro lugar, distinguir as diferentes teorias psicanalíticas e analisá-las separadamente, uma vez que a psicanálise não é um

único sistema coerente de teoria e técnica; em segundo lugar, é necessário explicitar o que um determinado autor psicanalítico entende por ciência e por explicação científica, em terceiro lugar, o que se entende por interpretação e sentido e, em quarto lugar, como ambas as coisas estão interconectadas em sua teoria.

Este trabalho irá analisar o segundo ponto, a saber, identificar a concepção de ciência e de explicação científica e isso especificamente com relação à teoria freudiana. O que se busca ao se analisar esse tema é mostrar tanto o que Freud entende fazer ao elaborar sua psicologia profunda em termos científico-naturais quanto o que ele *de fato* faz. Os passos de meu argumento serão: 1) Exposição e crítica da concepção freudiana de explicação; 2) O emprego de *conceitos auxiliares* e a metapsicologia freudiana; 3) A concepção de ciência em Freud.

## EXPOSIÇÃO E CRÍTICA DA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE *EXPLICAÇÃO*

A teoria psicanalítica surgiu no contexto da clínica médica (psiquiátrica) e não da pesquisa acadêmica. Como conseqüência disso visava fundamentalmente um objetivo prático: investigação e tratamento de determinadas psicopatologias, as chamadas neuroses. O tratamento em questão pressupõe a possibilidade de se encontrar a etiologia dessas patologias e, na medida em que se trata de um tratamento psicológico (psicanalítico), que essa etiologia fosse psicológica e passível de resolução por meio de uma psicoterapia (psicanálise).

O tratamento de uma patologia pressupõe que existam determinadas condições para o seu desencadeamento e manutenção e que essas condições, ao menos algumas, possam deixar de existir, o que implicaria ter a doença tratada.

Com o tempo, contudo, foi possível expandir essa teoria de modo a que ela também fosse empregada na explicação de outros fenômenos psíquicos, chamados por Freud de formações do inconsciente — sonho, ato falho, chiste e lapso de linguagem — e mesmo de fenômenos culturais — como as ciências, as religiões, as produções artísticas, etc. São *fenômenos* porque são “dados” na observação (externa ou interna). E são *psíquicos* porque, de um lado, resultam de processos psíquicos, ainda que em geral não observáveis (nem interna nem externamente), de onde a necessidade de uma *psicologia profunda*; e, de outro lado, são dados ou na experiência interna (sonhos, idéias fixas obsessivas, sentimento de culpa ou de angústia, etc.), ou são a expressão externa de eventos psicológicos (sintoma histérico, atos falhos, chistes, produções artísticas, etc.). De todo modo, pode-se dizer que Freud buscava explicar certos fenômenos psicológicos, ou suas expressões externas, e que por *explicar* ele entendia basicamente encontrar *a razão de ser*, aquilo que faz com que um evento ou fato aconteça de tal maneira que deixe de ser contingente e torne-se inteligível e passível de algum tipo de previsão e controle ou, ao menos, de prognóstico e tratamento.

No domínio de certos fenômenos físicos, como aqueles estudados pela física mecânica clássica, isso significaria

simplesmente encontrar a *causa* de um determinado evento<sup>4</sup>. A noção de *causa* tem sido, contudo, “uma criação problemática da epistemologia e da filosofia da ciência” (Wright, 1993, p.35). Isso se deve ao fato de que, por um lado, ela está presente “na fala cotidiana, e em investigações sobre assuntos humanos por economistas, psicólogos sociais, e historiadores, também é comum nas explicações que os cientistas naturais fornecem a respeito de seus procedimentos laboratoriais, tanto quanto nas interpretações oferecidas por muitos físicos teóricos de seus formalismos matemáticos” (Nagel, 1965, p.12); e, por outro, há uma ambigüidade de sentidos a que essa expressão se refere, não sendo, portanto, uma categoria homogênea.

Esse último ponto pode ser visto quando se nota que a distinção tradicional entre relações de causa e efeito, que seriam relações factuais e empíricas, e relações de fundamento e consequência, que seriam relações conceituais e lógicas, não são suficientes para eliminar toda ambigüidade, uma vez que “Talvez todas as relações causais sejam factuais. Mas, certamente, nem todas as relações factuais são causais.” (Wright, 1993, p.34). De onde a necessidade de determinações conceituais mais precisas a respeito desse conceito central nas ciências<sup>5</sup>. Ademais, como a física (mecânica) caracterizou historicamente o surgimento das ciências modernas, e era por isso considerada a ciência modelo, e ela empregava esse tipo de explicação, entendeu-se, por muito tempo, que as ciências sempre deveriam explicar de maneira causal os fenômenos por elas investigados. Avanços nas ciências naturais levaram, contudo, os próprios cientistas (físicos,

químicos, biólogos, etc.) a se afastarem desse tipo de explicação em muitos casos. Desse modo, se não é óbvio nas próprias ciências naturais mais desenvolvidas o emprego exclusivo de explicações causais, nem o que isso significa exatamente, também não o é na psicanálise. É necessário, portanto, investigar que tipo de explicação é fornecida por Freud para os fenômenos que pretende explicar.

### EXPLICAÇÕES CAUSAIS NA TEORIA FREUDIANA

Apesar das inúmeras dificuldades filosóficas que cercam o problema para o ponto que se pretende defender aqui basta conceber as explicações causais como aquelas que oferecem as condições factuais suficientes<sup>6</sup> da ocorrência de um determinado evento e isso dentro de uma relação temporal de sucessão (contigüidade temporal), sendo que a relação causal pode ser concebida como uma relação externa entre entes independentes, isto é, uma relação cujos elementos não dependem da relação para existir. Dada a condição suficiente segue-se necessariamente o evento em questão, o que permite algum tipo de previsão e controle. Com base nessa definição de explicação causal pode-se procurar identificar o que Freud diz fazer e o que ele de fato faz.

Em linhas gerais, Freud, influenciado pelas concepções científicas de sua época, compreende como a razão de ser de um determinado processo psicológico o que ele chama em diferentes textos de *causa* [*Ursache*] desses processos<sup>7</sup>,

ou seja, que haveria entre os eventos desencadeantes e seus efeitos uma relação causal [ursächliche Zusammenhang].

Segundo Freud, contudo, essa conexão causal pode ser de diferentes tipos: pode ser uma relação na qual a causa é *desencadeante*, como ocorre entre o choque e o movimento de um corpo, chamada por Freud no caso da neurose de “agente provocador”; ou pode ser uma relação na qual a causa é *direta*, como na relação entre um “corpo estranho” e a febre que ele provoca no organismo hospedeiro. A diferença entre ambas as formas de causalidade estaria no fato de que, na primeira, o efeito não continua dependente da causa para ocorrer, esta última apenas desencadeia o processo, ao passo que, na segunda, sim, ela mantém o processo, isto é, a retirada da causa interrompe o efeito.

Freud estabelece ainda outra distinção: uma causa pode ser uma *precondição*, uma *causa específica*, ou simplesmente concorrente. As primeiras são necessárias, mas são gerais e podem ser encontradas igualmente na etiologia de outras patologias. As segundas, também são necessárias, mas estão limitadas à etiologia da patologia em questão. De acordo com Freud em seu período pré-psicanalítico, por exemplo, a relação entre a cena traumática e o sintoma histérico é desse segundo tipo<sup>8</sup>. Outra condição necessária, ainda nesse momento inicial de suas investigações é “que uma precondição psicológica também entre em jogo. As cenas devem estar presentes como lembranças inconscientes; apenas desde que e na medida em que sejam inconscientes é que elas podem criar e manter os sintomas histéricos” (Freud, 1896c, p.447). As chamadas causas concorrentes,

ao contrário das duas anteriores, não são necessárias, nem capazes por si mesmas de produzir o efeito patológico, mas ocorrem conjuntamente com as condições e a causa específica. Exemplos dessas causas seriam certos fatores hereditários (não especificáveis), exaustão física, doença aguda, etc. Nenhuma dessas condições (gerias, específicas ou concorrentes), contudo, podem ser vistas como uma causa (no sentido estrito) da ocorrência dos fenômenos em questão, uma vez que são *necessárias*, mas não são *suficientes* para a ocorrência dos fenômenos em questão.

Ademais, segundo a definição dada acima, uma relação causal envolve ainda a sucessão temporal. Essa sucessão temporal também não está presente nos fenômenos explicados por Freud, uma vez que diferentes coisas podem acontecer: 1) Entre a cena traumática e o despertar da doença pode ocorrer um intervalo de tempo mais ou menos longo<sup>9</sup>; 2) A cena traumática (condição necessária) pode se tornar propriamente traumática apenas após eventos posteriores, ou como Freud diz, se tornar traumática *a posteriori* (*nachträglich*)<sup>10</sup>.

No primeiro caso, haveria outras causas concorrentes e não especificáveis (elos intermediários) agindo entre o evento decisivo inicial (a vivência traumática) e o surgimento da patologia neurótica propriamente dita. No segundo caso, contudo, as coisas se passam como se o determinante não fosse apenas um evento passado, anterior, mas também um evento posterior que modifica o caráter do primeiro. Isso é concebido por Freud, ainda nos termos da teoria pré-psicanalítica, da seguinte forma: o problemático não é propriamente a vivência traumática, mas o afeto a ela

vinculado, que pode ser produzido posteriormente, quando da *compreensão* do que teria se passado anteriormente (e com a maior capacidade de produzir excitação das zonas eróticas adquirida com o início da adolescência), e transportado associativamente para a lembrança agora tornada *traumática*<sup>11</sup>.

Como conseqüência dessas novas descobertas Freud é levado a propor uma explicação sobre a etiologia dos sintomas neuróticos que se afasta ainda mais das explicações causais tradicionais e do determinismo das ciências naturais<sup>12</sup>. Pressupõe-se uma relação temporal e conexões associativas que também não são próprias dessas relações e que não permitem determinar o estado de coisas futuro. Uma teoria científica que emprega explicações causais estritas é determinista no sentido de que é um conjunto (sistemático) de leis gerais que permite deduzir, dado um estado de coisas inicial, outro estado de coisas posterior. Isso, precisamente, é impossível com relação aos fatos que Freud pretende descrever, na medida em que eventos posteriores podem modificar o próprio estado de coisas inicial, ou evoluir por caminhos associativos imprevisíveis, ou ainda sofrer vicissitudes para as quais não se tem uma causa especificável, como a repressão, a sublimação, a denegação (*Verleugnung*), etc.

Desse modo, apesar de Freud falar em *explicações causais*, o que ele *de fato* faz é oferecer uma explicação de outro tipo, que pode ser basicamente chamada de *genética*. Essa forma de explicação estabelece a seqüência dos mais importantes eventos (condições necessárias) que permitiram o surgimento de um dado estado de coisas. Em geral, nesse tipo de explicação nem todos os eventos são mencionados e aqueles

descritos (ou supostos) o são com base em certas pressuposições relativas a que tipo de eventos são relevantes para o surgimento do estado de coisas em questão<sup>13</sup>. No caso da teoria freudiana pré-psicanalítica das neuroses, por exemplo, trata-se dos seguintes eventos decisivos: uma cena infantil, inicialmente não traumática; uma (ou mais) cena traumática posterior, associada à anterior, que permite a re-significação da cena infantil; e a repressão do complexo de cenas associados. Nenhum desses eventos é suficiente para o surgimento das formações do inconsciente, nem individualmente nem conjuntamente; antes, são condições necessárias (tese da *sobredeterminação* dos fenômenos psíquicos) de seu aparecimento, ainda que a explicitação dessas condições baste para se estabelecer um tratamento possível: eliminada alguma delas, o sintoma deve desaparecer.

Posteriormente, em 1897, Freud descobre a existência das fantasias inconscientes. O resultado fundamental dessa descoberta é a tese de que as lembranças das cenas traumáticas só são traumáticas na medida em que se vinculam (associativamente) a uma fantasia de desejo inconsciente. Todas essas lembranças são cenas em que o desejo inconsciente se realiza de maneira mais ou menos disfarçada. Em suma, a tese propriamente psicanalítica então defendida é que o sintoma neurótico é uma realização disfarçada (simbólica<sup>14</sup>, mas na realidade) de um desejo inconsciente. Outra maneira de dizer isso é: o sintoma neurótico é uma solução de compromisso entre um desejo inconsciente e a proibição desse desejo; ele satisfaria, ao mesmo tempo, a exigência de realizar o desejo (princípio do prazer) e a de não realizá-

lo (princípio de realidade). Isso, contudo, não altera o tipo de explicação fornecida. Fantasia de desejo e a repressão dessa fantasia são as condições necessárias (as chamadas causas específicas) para o surgimento das neuroses, ao passo que agora, as lembranças de eventos traumáticos (latentes) são concebidas como meras causas concorrentes, assim como os restos diurnos no caso dos sonhos.

### EXPLICAÇÕES FUNCIONAIS NA TEORIA FREUDIANA

Ao mesmo tempo, Freud emprega ao longo de sua obra outra forma de explicar os processos psíquicos em questão, forma essa chamada em um texto de 1895 de *explicações biológicas*<sup>15</sup>. Essas explicações buscam encontrar não as condições necessárias dos processos psíquicos, mas a sua função. Não se deve confundir, contudo, esse tipo de explicação com explicações teleológicas. Vejamos esse ponto melhor.

Se historicamente, no domínio dos fenômenos naturais, explicações causais eram onipresentes e suficientes para a tarefa de elaboração de uma teoria científica, no domínio dos fenômenos biológicos certos fatos pareciam de início necessitar de “explicações” teleológicas, com respeito a seus fins, ainda que também fizessem parte do mundo físico e, desse modo, também tivessem que estar submetidos às relações causais. O uso de explicações teleológicas ao lado de explicações estritamente causais foi, devido a essa dupla possibilidade de abordar os fenômenos em questão, comum na biologia alemã (vitalismo) da primeira metade

do século XIX<sup>16</sup>, mas rejeitada pelos autores (fiscalistas) da segunda metade do mesmo século. Entre esses últimos encontram-se autores como Helmholtz, Brücke, DuBois-Raymond, Carl Ludwig, entre outros, autores importantes na formação intelectual de Freud<sup>17</sup>.

O ponto decisivo da querela em torno das explicações teleológicas reside no fato de que em um universo fisicamente concebido as explicações teleológicas parecem explicar as causas, que ocorrem antes, pelos efeitos, que ocorrem necessariamente depois. Se eventos futuros ainda não existem, não podem ser responsáveis por ocorrências no presente, ou dito de outro modo, explicações teleológicas requerem que o futuro (não ser) determine o presente (ser).

A partir da metade do século XIX, a teoria darwinista da evolução das espécies por seleção natural, publicada em 1859, demonstrou, em harmonia com a posição fiscalista que se tornava predominante, que era possível explicar também as complexidades da organização biológica, até então impossíveis de serem explicadas de maneira estritamente natural, sem o recurso a explicações teleológicas<sup>18</sup>. Nesse sentido, não haveria nenhuma contradição entre o emprego de expressões como “o coração tem a função de bombear o sangue pelo corpo do organismo” e o ponto de vista causal-naturalista. Isso quer dizer que nada acontece sem uma causa (física), e que mesmo os fenômenos biológicos têm de possuir uma causa, ainda que possuam também uma função (em termos evolutivos).

Assim, Freud, influenciado pelos fiscalistas, que haviam empregado com proveito para as suas próprias teses a teoria

de Darwin sobre a origem das espécies, emprega uma maneira de teorizar que remete certos fenômenos psíquicos às suas funções. Não se trata, portanto, de nenhuma forma de vitalismo em Freud, antes, as funções de que ele fala devem, em última análise, ser entendidas de maneira naturalista, isto é, devem poder ser explicadas causalmente e são o resultado do processo de seleção natural (Darwin). Essa maneira (*biológica*) de explicar os fenômenos indicando a sua função é explicitamente defendida por Freud, ao lado de explicações supostamente mecânicas (causais) quando diz:

O sistema psi, pensando biologicamente, procura reproduzir o estado de psi que assinalou a cessação da dor. Com a expressão pensando biologicamente acabamos de introduzir uma nova base de explicação, que deve ter validade independentemente, ainda que não exclua, mas pelo contrário, exija a redução [*Zurückführung*] a princípios mecânicos (fatores quantitativos). (Freud, 1895b, p.415).

A expressão “pensando biologicamente” significa, portanto, pensando em termos de função, de tal modo que a expressão “o sistema psi *procura...*” tem o mesmo significado da expressão “o sistema psi tem a função de...”, sendo que o termo “função” não é sinônimo de termos como “propósito, intenção ou finalidade”, mas de “utilidade, serventia” no sentido evolucionista e deve ter, em última instância, uma *causa física*.

Em resumo do que foi dito até esse ponto, pode-se afirmar que Freud entende ser legítimo o uso de dois modos

de “explicação”, biológico (função) e mecânico (causa), para o domínio dos fenômenos por ele estudados, assim como certos cientistas (biólogos e fisiólogos) próximos intelectualmente a ele faziam quando estudavam os seres vivos. Se isso está correto, então ele transpõe a maneira de *explicar* de uma tradição da fisiologia, fisicalista, que estuda organismos vivos, para a psicologia, que estuda os processos psíquicos.

### EXPLICAÇÃO POR CORRELAÇÃO

Em um texto de 1915, que compõe os artigos metapsicológicos, Freud faz uma reflexão sobre suas teorizações e propõe, ainda que de maneira breve, contemplar ambas as formas de explicação por meio da adoção de um ponto de vista mais abstrato: explicar consistiria em encontrar correlações (*Zusammenhang*) entre os fenômenos<sup>19</sup>. Ou seja, explicar algum fenômeno é o mesmo que identificar a quais outros fenômenos ele está correlacionado ou de que é dependente<sup>20</sup>. Essa maneira de colocar as coisas vai a favor da tese acima exposta de que para Freud as explicações devem contemplar tanto as “causas”, ou melhor, suas condições necessárias de ocorrência, quanto as funções, a utilidade em termos evolutivos, dos fenômenos por ele estudados. Ademais, essa nova maneira de conceber uma explicação científica tem a vantagem de evitar, de um lado, as ambigüidades de termos como causa e função, e de outro, comprometimentos filosóficos, sendo uma maneira descritiva de conceber as explicações científicas.

## O EMPREGO DE CONCEITOS AUXILIARES E A METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Agora, além do estabelecimento de correlações, a atividade científica consistiria, no entender de Freud, também na descrição dos fenômenos, seu agrupamento e classificação. Essas observações dariam origem a conceitos empíricos, que são aqueles que se referem a algo dado na experiência sensível. Mas, de acordo com Freud, não se pode evitar, em uma teoria científica, a introdução, ao lado desses conceitos empíricos, de outros conceitos, auxiliares, na elaboração sistemática (construção da teoria) dos fatos observados. Conceitos auxiliares esses que não são, nem podem ser, objeto de experiência empírica<sup>21</sup>. Vejamos esse ponto mais detalhadamente.

Segundo o ponto de vista de Freud, não é possível evitar a introdução de conceitos (auxiliares), convenções, nas explicações científicas<sup>22</sup>. Esses conceitos não são, contudo, aleatoriamente escolhidos, mas devem ser construídos nas (ou “inferidos” das) lacunas dos dados empíricos<sup>23</sup>.

Assim, a teoria freudiana teria dois grupos de conceitos com estatutos epistemológicos distintos: os conceitos empíricos<sup>24</sup> e os especulativos. Os primeiros englobariam tanto conceitos propriamente psicanalíticos, como transferência, resistência, sexualidade infantil e complexo de Édipo, entre outros; quanto certos conceitos psicológicos comuns a outras teorias de sua época. Entre esses encontramos os seguintes: representação mental, memória, desejo, consciência, fantasia, sintoma (neurótico), afeto, etc. Todos esses conceitos possuiriam um referencial “empírico” (são dados de consciência ou da

percepção) e são epistemologicamente diferentes dos conceitos que não possuem tal referencial<sup>25</sup>. Esse segundo grupo de conceitos são os chamados conceitos metapsicológicos e entre eles podemos incluir os conceitos de pulsão, libido (como quantidade de desejo), energia psíquica, afeto como quantidade de excitação, deslocamento de energia (entre representações mentais), a divisão da mente em consciente, pré-consciente e inconsciente, ou id, ego e superego, entre outros<sup>26</sup>.

O termo *metapsicologia* deve ser compreendido, portanto, no sentido de que se refere a conceitos para além de (meta-) toda e qualquer experiência. E esses conceitos metapsicológicos teriam a função específica de complementar o quadro teórico juntamente com os conceitos “empíricos” (psicológicos) tornando possível a sistematização dos fenômenos clínicos observados na clínica psicanalítica. Assim, as estruturas teóricas (a teoria psicanalítica freudiana) oriundas dessas correlações de conceitos psicológicos e metapsicológicos possuem o caráter de uma superestrutura especulativa. Especulativa, na medida em que emprega conceitos que não têm referência a algo passível de ser objeto de uma experiência empírica, e superestrutura porque pode ser substituída por outra (com outros conceitos auxiliares) sem maiores prejuízos para as descobertas clínicas<sup>27</sup>.

Em 1915, nos já mencionados artigos metapsicológicos, Freud faz uma reflexão sobre o método de construção de suas hipóteses e modelos teóricos. Essa reflexão é importante na medida em que possibilita a identificação de quais conceitos da teoria freudiana são metapsicológicos e quais

não o são. Todos os conceitos que se referem à espacialização do psiquismo (a sua divisão em instâncias, sistemas, etc.); a quantidades de excitação (afeto, libido, pulsão, princípio de constância, etc.); e a interação de forças em conflito (os diferentes dualismos pulsionais, conflitos entre as diferentes instâncias psíquicas, princípio de prazer e de realidade, etc.); isto é, os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico, são metapsicológicos<sup>28</sup>.

Para Freud esses pontos de vista servem como uma espécie de guia com base no qual construir seus modelos e hipóteses, um método, não de investigação do objeto de estudo (menos ainda de tratamento), mas de construção de conceitos auxiliares. Ou dito de outro modo, onde não é possível uma explicação dos fatos apoiada apenas em outros fatos, devem ser empregadas representações auxiliares, sendo que dentre as muitas possíveis, Freud dá preferência a essas. Isto é suficiente para tentarmos caracterizar a concepção freudiana de ciência.

## A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA NA TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA

De acordo com a concepção de ciência aceita por Freud a atividade científica se inicia com a observação dos fatos para em seguida buscar construir modelos, teorias, hipóteses. As hipóteses e conceitos auxiliares são derivados da observação, ou mais especificamente, das lacunas da observação, e não condição para a observação. Nesse sentido, Freud defende um empirismo ingênuo e uma posição anti-metafísica, na

medida em que as teorias científicas não pressupõem modelos ou concepções ontológicas prévias<sup>29</sup>.

Ademais, implícito no conceito de “superestrutura” está a concepção de que as teorias científicas não se ocupam tanto com verdades a respeito da natureza ou da mente, mas constroem hipóteses teóricas que devem ser consideradas verdadeiras enquanto forem eficientes, modelos<sup>30</sup> do funcionamento da realidade ou, no caso, da mente humana, e que como tais não têm a pretensão de ser uma descrição fidedigna do psiquismo, apenas de serem capazes de sistematizar e explicitar determinadas relações de outra forma obscuras.

Dito de outro modo, não se trata, para Freud, de descrever, muito menos de se fazer uma descrição fenomenológica (no sentido de Husserl, Scheler ou Heidegger) da mente humana, mas de construir um modelo dela, modelo esse útil para a sistematização dos dados “empíricos”, para descrever o seu funcionamento, que no caso da psicologia se referem aos processos psíquicos dos quais estamos conscientes, mas que, como no caso de outras ciências, são lacunares e desconexos.

Assim, com base no que foi dito até esse ponto, pode-se dizer que uma teoria científica poderia ser definida por Freud como sendo um conjunto sistematicamente ordenado (não-contraditório) de correlações entre conceitos empíricos e auxiliares (especulativos) que explica (de maneira genética e funcional), isto é, torna inteligíveis os fenômenos aparentemente contingentes e desconexos ao estabelecer suas relações de dependência, e permite desse modo um tratamento. Veja-se, quanto a isso, o seguinte comentário de Freud em um texto tardio de 1938:

Aqui [na psicanálise] como lá [nas outras ciências], a tarefa consiste no seguinte: por trás das propriedades (qualidades) do objeto em exame que se apresentam diretamente à nossa percepção, descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas [*Sachverhalt*]. Esse último, em si mesmo, não temos a esperança de poder atingir, visto ser evidente que tudo de novo que descobrimos deve, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem das nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. Mas nisso reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência. (...) O ganho trazido à luz pelo trabalho científico em nossas percepções sensoriais primárias consistirá numa visão das correlações [*Zusammenhänge*] e dependências [*Abhängigkeiten*] que existem no mundo externo, que podem de alguma maneira ser fidedignamente reproduzidas ou refletidas no mundo interno de nosso pensamento, e cujo conhecimento nos capacita a “compreender” [*verstehen*] algo no mundo externo, prevê-lo e, possivelmente alterá-lo. Procedemos de maneira inteiramente semelhante na psicanálise. Descobrimos métodos técnicos de preencher as lacunas existentes nos fenômenos de nossa consciência e fazemos uso desses métodos exatamente como um físico faz uso da experiência. Dessa maneira, inferimos [*erschliessen*] um certo número de processos que são em si mesmos “incognoscíveis” e os interpolamos naqueles que são conscientes para nós. (Freud, 1938a, p.126)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo essa concepção de ciência de Freud a ciência deve começar com a observação de fatos, seguindo para a

sua posterior sistematização em modelos teóricos, não havendo, como vimos, conceitos ontológicos prévios nas ciências em geral, ou uma reflexão sobre a peculiaridade do método para se obter dados através da investigação clínica ou das diferenças epistemológicas das ciências humanas em relação às ciências naturais. Aceita-se ainda o caráter explicativo das ciências, sendo que por “explicação” deve-se entender explicações genéticas e aquelas que indicam a função, ou simplesmente, como diz Freud, o estabelecimento de correlações, ao mesmo tempo em que se aceita conceitos especulativos e a construção de modelos do funcionamento do psiquismo.

Essa maneira de conceber as ciências, positivista, o leva a supor que os fatos a serem observados, explicados e correlacionados em modelos sistemáticos são fatos externos uns aos outros, cuja relação, seja genética, seja funcional, pressupõe a independência entre eles. Contudo, diferentemente dessa relação externa na qual Freud tende a encaixar os fenômenos clínicos, o que ele parece ter descoberto é que o sintoma (e as demais formações do inconsciente) não é independente do desejo, mas ele mesmo, disfarçado (um símbolo); e que o desejo não é algo independente do indivíduo, mas ele mesmo. Isso é diferente até mesmo da noção de *causa direta* de Freud exemplificada com sintomas orgânicos como uma febre provocada pela presença de um corpo estranho. Nesse caso, o que o provoca é uma alteração orgânica qualquer, digamos uma infecção em algum tecido, infecção essa que pode ser removida (até mesmo o tecido pode sê-lo). Tanto é assim que se pode tratar desses fenômenos independentemente do indivíduo (no limite o indivíduo

intervém como uma perturbação no tratamento). Situação totalmente distinta encontra-se nos fenômenos clínicos de que trata a psicanálise. Nesse sentido, o desejo não é uma *causa direta* do sintoma, porque não é diferente daquilo que ele provoca e não pode ser extirpado do indivíduo, porque não é outra coisa, mas uma parte de si tornada irreconhecível, de onde a noção freudiana tardia de *id.* Tanto é assim que o tratamento psicanalítico não pode ser levado a cabo sem o trabalho (associação livre, elaboração, etc.) do paciente, uma vez que ele não consiste na remoção do desejo, mas na sua integração como *desejo dele*<sup>31</sup>.

Nesse sentido o sintoma é uma *expressão* (disfarçada, substituta, simbólica) do desejo, uma forma de manifestação (e realização) desse desejo que impede o seu reconhecimento. Agora, se o sintoma neurótico é a expressão simbólica de um desejo inconsciente, então é necessário interpretá-lo, isto é, descobrir o seu sentido, e não explicá-lo. Para Freud, contudo, não parece haver uma diferença essencial entre esses dois procedimentos, como se mostrar a gênese (e a função) de um sintoma fosse o mesmo que interpretá-lo. Para se entender esse ponto é necessário investigar a maneira como Freud concebe o *sentido* das formações do inconsciente e como é possível vincular a explicação à interpretação. Esses são temas a serem desenvolvidos em outros trabalhos.

## NOTAS

<sup>1</sup>Em defesa dessa pressuposição, pode-se argumentar que o conhecimento psicanalítico possui as características típicas dos conhecimentos classicamente concebidos como científicos. Entre essas características, mencionaremos aquelas expostas por Nagel (1979). As ciências não apenas organizam corpos de conhecimento, nos quais é indispensável uma classificação do material em tipos significativos ou espécies, como ainda oferece as razões de ser desses fatos, isto é, procuram descobrir e formular, em termos gerais e submetidos a controle por evidências factuais, as condições sob as quais eventos de diferentes tipos ocorrem. Ao fazer isso, ela estabelece relações de dependência entre fenômenos aparentemente diferentes e superficialmente não relacionados, e isso de maneira sistemática, livre de flagrantes inconsistências e contradições, perseguindo um sistema unificado de explicações. Elas também buscam conhecer os limites de suas explicações, assim como mitigar a indeterminação própria da linguagem comum. Ademais, as abstrações empregadas pelas ciências, que se referem às propriedades estruturais dos fenômenos investigados, não fazem referência direta às características familiares dadas na observação, o que só pode ser feito por meio de complexos procedimentos lógicos e experimentais (metodologicamente realizados). Essas mesmas características também estão presentes no corpo teórico psicanalítico. Esse ponto ficará claro quando explicitarmos a concepção freudiana de ciência.

<sup>2</sup>Essa disputa teve início com o surgimento da Escola Histórica que se contrapôs à concepção positivista de ciência. Droysen (1858), historiador alemão, foi o primeiro a se contrapor a essa posição epistemológica e a introduzir os conceitos antitéticos de *explicação* (*erklären*) e *compreensão* (*verstehen*). Ele foi seguido por Dilthey (1883), que desenvolveu de maneira mais sistemática a clássica distinção entre os métodos explicativo, das ciências naturais, e compreensivo, das ciências humanas. Dilthey tomou a hermenêutica (a teoria da interpretação/compreensão) como o *método* adequado às ciências humanas e, nesse sentido, apoiou-se nos desenvolvimentos da hermenêutica levados a cabo por Schleiermacher, que havia formulado uma teoria geral da interpretação com base nas antigas disciplinas independentes de exegese de textos bíblicos (Antigo e Novo Testamento) e Filologia de textos clássicos (gregos e romanos), e a vinculou ao problema epistemológico das ciências humanas, transformando o

problema da interpretação de textos em interpretação de qualquer realidade histórico-social (espírito objetivado).

<sup>3</sup>Esse ponto já foi destacado por inúmeros comentadores da psicanálise. Dentre esses podemos citar: Ricoeur (1970 e 1981), MacIntyre (1958); Gill (1976), Holt (1976), George Klein (1976), Schafer (1976) e Grünbraum (1984), entre outros.

<sup>4</sup>As ciências, contudo, assim como Freud, não estão interessadas apenas em causas contingentes, mas em causas que valem, até que se prove o contrário, para todos os casos, isto é, leis gerais, sistematicamente ordenadas, que teriam nas explicações galileianas e newtonianas o seu modelo.

<sup>5</sup>Uma alternativa à tentativa de explicitar melhor em que consistem as referidas relações seria mostrar que na realidade esse termo não é essencial para as ciências em geral, e que pode ser substituído, a bem da clareza, por outro(s) conceito(s), como o de *relação funcional*. Essa é a solução encontrada por filósofos como Ernest Mach e Bertrand Russell. Como veremos adiante, também Freud segue por essa via em seus textos em que reflete sobre a atividade científica.

<sup>6</sup>Uma condição é suficiente quando ela basta (é suficiente) para a ocorrência de um determinado evento, de tal modo que quando essa condição ocorre, o evento também ocorrerá na seqüência. Uma condição é necessária quando sem ela não for possível a ocorrência de um determinado evento, de tal modo que se um evento ocorreu, pode-se estar certo de que essa condição deve ter ocorrido anteriormente. Em termos de relações puramente lógicas essa relação é do tipo “Se  $p$  então  $q$ ”, e essa relação lógica é tal que se  $p$  é condição suficiente da ocorrência de  $q$ , então  $q$  é condição necessária da ocorrência de  $p$ . Esse último ponto, contudo, não faz sentido em termos de relações de causa e efeito, porque não se pode supor que um evento que ocorra depois seja condição necessária (no sentido causal) da ocorrência do evento que ocorreu antes. Há, nos termos de Wright, uma Assimetria de Causa e Efeito (Cf. Wright, 1993, p.42).

<sup>7</sup>Veja-se quanto a isso, por exemplo, Freud, 1895a, p.81.

<sup>8</sup>Cf. Freud, 1896c, p.446.

<sup>9</sup>Como ilustração disso, veja-se, por exemplo, o caso Katharina, relatado por Freud em seus *Estudos sobre Histeria* (1895a).

<sup>10</sup>Cf. Freud, 1896a, p.419.

<sup>11</sup>Essa teoria das neuroses segundo a qual essa patologia é o resultado do esquecimento de cenas traumáticas ainda é, como se sabe, pré-psicanalítica. Costuma-se considerar a teoria freudiana como propriamente psicanalítica a partir dos anos 1897 quando da descoberta do método psicanalítico (associação livre) e da fantasia inconsciente infantil.

<sup>12</sup>A respeito da característica distintiva do determinismo nas ciências mecânicas, veja-se, por exemplo, Nagel, 1979, p.279.

<sup>13</sup>Para uma apresentação mais detalhada do que seria uma explicação genética, veja-se Nagel, 1979, p.25-26; 564-568.

<sup>14</sup>Cf. Freud, 1895a, p.83.

<sup>15</sup>Cf. Freud, 1895b, p.415.

<sup>16</sup>Esses autores fazem parte de uma linha de pesquisa chamada por Lenoir de *teleomecanicismo*, por combinarem explicações causais e teleológicas. Essa tradição se contrapunha, de um lado, à filosofia da natureza romântica e, de outro, ao reducionismo mecanicista que voltará a ser defendido por autores da segunda metade do século XIX. Cf. Lenoir 1989, p. 2.

<sup>17</sup>Sobre as influências intelectuais decisivas na formação do pensamento freudiano veja-se Jones 1989 ou Andersson 2000.

<sup>18</sup>Cf. Lenoir, 1989, p.233 e 236.

<sup>19</sup>Cf. Freud, 1915b, p.210.

<sup>20</sup>Esse ponto de vista parece estar em harmonia com a epistemologia de Mach, uma vez que tinha sido defendido por esse cientista e filósofo, contemporâneo a Freud, que exerceu, ao que parece, influência nele, principalmente no que diz respeito à sua concepção de ciência. Cf. Mach, 1886, p.89 e 93.

<sup>21</sup>Cf. Freud, 1895b, p.400; 1915b, p.210.

<sup>22</sup>Esse ponto de vista também aproximaria Freud de Mach, autor que, como se sabe, defendia explicitamente tal recurso nas ciências. Veja-se quanto a essa tese Fulgencio 2001.

<sup>23</sup>Este ponto também foi destacado por Mackay (1989, p. 136-7)

<sup>24</sup>Pressuposto aqui está a concepção de método de acesso aos dados como sendo semelhante ao método de acesso aos objetos das ciências naturais clássicas desde Galilei e Newton: a observação. Não há, portanto, uma reflexão sobre a forma particular de obtenção dos dados experienciáveis nas ciências humanas ou na clínica psicanalítica.

<sup>25</sup>Cf. Freud, 1925a, p.58.

<sup>26</sup>Veja-se quanto a isso, por exemplo, Freud, 1938a, p.85-6.

<sup>27</sup>Veja-se quanto a esse ponto Freud, 1938b, p.142.

<sup>28</sup>Sobre a adoção desse ponto de vista, veja-se, por exemplo, em Freud, 1916, p.62.

<sup>29</sup>O mesmo ponto é salientado em Schafer, 1976, p.5.

<sup>30</sup>Cf. Loparic, 1997, p.103-4; Mackay, 1989, p.115-6.

<sup>31</sup>O ponto que se está levantando aqui é que a relação entre desejo e sintoma, como entre desejo (ou intenção) e comportamento, pode ser vista como uma relação interna. Esse ponto também é um tema polêmico na filosofia das ciências, veja-se sobre isso, por exemplo, Wright, 1993, p.93. Uma posição semelhante a essa defendida aqui, a saber, que o desejo não é propriamente uma causa, nem mesmo uma condição (genética), porque não é externo ao sintoma e ao indivíduo neurótico, é apresentada de maneira sintética por Merleau-Ponty em Merleau-Ponty, 1999, p.632, n.r. 4.

## REFERÊNCIAS

ANDERSSON, Ola 2000. *Freud precursor de Freud*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FREUD, Sigmund. Studien über Hysterie. 1895a. GW I.

FREUD, Sigmund. Entwurf einer Psychologie. 1895b. GW Nachtragsband.

FREUD, Sigmund. L'Hérédité et l'Étiologie des Névroses. 1896a. GW I.

FREUD, Sigmund. Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen. 1896b. GW I.

FREUD, Sigmund. Zur Ätiologie der Hysterie. 1896c. GW I.

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. 1900. GW II/III.

FREUD, Sigmund. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. 1905. GW V.

FREUD, Sigmund. Triebe und Triebchicksale. 1915b. GW X.

FREUD, Sigmund. Die Verdrängung. 1915c. GW X.

FREUD, Sigmund. Das Unbewußte. 1915d. GW X.

FREUD, Sigmund. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. 1916. GW XI.

FREUD, Sigmund. Selbstdarstellung. 1925a. GW XIV.

FREUD, Sigmund. *Abriss der Psychoanalyse*. 1938a. GW XVII.

FREUD, Sigmund. *Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis*. 1938b. GW XVII.

FULGENCIO, Leopoldo. *O Método Especulativo em Freud*. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2001.

GILL, M.M e HOZMAN, P., Eds (1976). *Psychology versus Metapsychology: Psychoanalytic Essays in Memory of George S. Klein. Psychological Issues*. New York: Inter. University Press.

GILL, M.M (1976). “Metapsychology is not psychology”. In: GILL, M.M. e Holzman, P. S. (1976).

GRÜNBAUM, A. (1970). *The Foundations of Psychoanalysis: A Philosophical Critique*. Berkeley: University of California Press.

HOLT (1976). “Drive or wish? A reconsideration of the psychoanalytic theory of motivation”. In: GILL, M.M. e Holzman, P. S. (1976).

KLEIN, G.S. (1976). *Psychoanalytic Theory : An Exploration of Essentials*. New York: Int. University Press.

LERNER, D. (ed.) 1965. *Cause and Effect*. New York: The Free Press.

NAGEL, Ernst. 1965. "Types of Causal Explanation in Science." In Lerner (ed.) 1965.

NAGEL, Ernst. 1979 (1961). *The Structure of Science. Problems in the logic of Scientific Explanation*. Indianapolis, Hackett Publishing Company, Inc.

JONES, Ernest 1989. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. 3 Vol. Rio de Janeiro: Imago

LENOIR, Timothy 1989. *The Strategy of Life. Teleology and Mechanics in nineteenth-century german biology*. Chigaco: The University of Chicago Press.

MACH, Ernst 1959 (1886). *The Analysis of sensations*. New York: Dover Publications, 5ª Edição.

MERLEAU-PONTY, Maurice 1999 (1945). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

SCHAFER, Roy 1976. *A new language for psychoanalysis*. New Haven, Yale University Press.

WRIGHT, Georg Henrik von (1971). *Explanation and Understanding*. New York: Cornell University Press, 5th Edition, 1993.